

Histórias de HISTÓRIA (1)...

COMO tu já deves saber, Portugal faz parte dos poucos países que tem uma História muito rica, ao nível da Grécia Antiga ou do Império Romano, ou da Inglaterra dos sécs.XVIII e XIX, quando dominava os mares do mundo inteiro, ou até dos Estados Unidos da Era actual, no início da conquista do espaço.

A nossa História é tão rica, tão rica, que alterou por completo o Conhecimento e as relações entre os homens, porque descobriu novas rotas no mar infinito, porque descobriu novas terras e novas gentes, e pelo intercâmbio (troca) de culturas e bens, pela primeira vez à **escala mundial** (global, como se diz hoje).

De facto, como aquelas potências de que falámos atrás, Portugal foi protagonista da História, ao dominar sem grande contestação uma parte importante do comércio marítimo, durante mais de cem anos, apoiando-se no **domínio quase absoluto** dos oceanos, em particular do Atlântico Sul, Índico, Mar da China e parte do Oceano Pacífico.

A partir de conhecimentos muito rudimentares (simples), que se usavam havia centenas de anos, os Portugueses produziram o que foi, na época, o melhor de todos os navios, rápido e fácil de manobrar – a **caravela**. Com a chamada **vela latina** (vela triangular), e a invenção da navegação **à bolina** (navegação em zig-zag), até podia navegar com ventos laterais.

Até então, as relações comerciais entre os povos do Mediterrâneo eram feitas de navegação costeira, e quase sempre com mar calmo, com barcas de **velas redondas ou quadradas**, que andam bem se tiverem o vento pela **popa** (parte traseira do navio), mas que tinham que ser impelidas (movimentadas) à força de remos, em tempo de **calmaria** (ausência de vento) ou vento contrário.

No Mediterrâneo raros eram os problemas de orientação, e poucos os perigos, se exceptuarmos os assaltos dos **corsários** ou **piratas** que infestavam certas zonas.

As regiões mais perigosas eram aquelas onde havia perigo de **naufrágio** por causa de **escolhos**, **baixios** ou **recifes** junto à costa, ou **turbulência** (agitação) das águas e ventos, mas estavam geralmente bem assinaladas por **fogueiras** ou antigos **faróis** que ficaram na história, como as **portas** ou **colunas de Júpiter** (actual estreito de Gibraltar) ou o **farol de Alexandria**, entre muitos outros menos famosos.

Ao contrario, a navegação no mar alto era cheia de perigos, desconhecida e povoada de monstros, na imaginação dos homens da época.

Também aqui os nossos navegadores melhoraram os deficientes aparelhos de orientação, aperfeiçoaram e desenvolveram o **astrolábio**, a **bailestilha** ou o **quadrante**, entre outros.

Os navegadores portugueses acabaram por dominar como ninguém as **técnicas de marear** (navegar), as **ciências matemáticas** e ligadas à orientação em alto mar, a **astronomia**, os ventos, marés e correntes marítimas.

A nossa **cartografia** (cartas de marear e mapas) era a melhor e mais actualizada, e os reis de outros países pagavam fortunas para levar para a sua terra os **cartógrafos** portugueses, com as suas artes e conhecimentos.

Esse poder quase absoluto à escala mundial só foi dividido em parte com Castela, que era como se chamava a Espanha antigamente, quando o nosso rei **D. João II** assinou em 1494 com os chamados Reis Católicos, Fernando e Isabel de Castela, o famoso **Tratado de Tordesilhas**, nome da localidade onde se reuniram os negociadores de ambos os reinos.

Esse tratado na prática dividia o mundo, a partir duma linha imaginária, em dois **hemisférios** (duas metades), ou áreas de influência, uma para Portugal, outra para Castela, e foi sancionado (aprovado) pelo próprio Papa **Alexandre VI**, sem grande contestação dos outros países da Europa que, na altura, se encontravam ocupados a resolver as suas disputas regionais, e não tinham nem força nem argumentos para se oporem.

Pela extraordinária técnica de construção naval e ciência militar nunca igualada nessa época (do que voltaremos a falar), pela acumulação de conhecimentos “de experiência feita”, e pela teia de contactos e influências, Portugal assumia-se como nação poderosa, respeitada e temida pelas restantes nações.

Lisboa foi nessa altura o centro do mundo, pela variedade de raças e línguas faladas, pelo luxo e pela abundância, pelo brilho dos trajes, e das festas e cerimónias, mercadorias e animais nunca vistos.

Viajantes, aventureiros, rufias e espiões de todo o lado pululavam (abundavam) a cada esquina ou botequim (bar), ou nas cercanias (redondezas) do Paço da Ribeira ou da Casa da Índia, buscando informações que permitissem o enriquecimento rápido.

Só as patrulhas incessantes dos **quadrilheiros** do Paço (guardas reais), que percorriam a cidade de lés-a-lés punham alguma ordem na sua permanente agitação.

Lisboa, como capital de Portugal e do Mundo, era a primeira entre as cidades, só talvez ultrapassada em tamanho por Paris, Nápoles e Veneza, que não na importância e no brilho.

In **Histórias de HISTÓRIA**®, de Alfredo Camacho